

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS



Instituto de Ciências Humanas

Departamento de História

Trabalho de Conclusão de Curso

***MEMÓRIAS ENTRECruzADAS: ANÁLISE DAS MEMÓRIAS DE
EX- COMBATENTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL***

Pelotas, 2019

FABIO LEONARDO MARTINS DUARTE

MEMÓRIAS ENTRECruzADAS: ANÁLISE DAS MEMÓRIAS DE
EX- COMBATENTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Trabalho de Conclusão de Curso à Universidade Federal de Pelotas,
como requisito para obtenção de título de Licenciatura em História.

ORIENTADOR: PROF. Dr. Edgar Ávila Gandra

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

D812m Duarte, Fabio Leonardo Martins

Memórias entrecruzadas : análise das memórias de ex combatentes da Segunda Guerra Mundial / Fabio Leonardo Martins Duarte ; Edgar Ávila Gandra, orientador. — Pelotas, 2019.

50 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) — Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Segunda Guerra Mundial. 2. Pracinha. 3. Força Expedicionária Brasileira (FEB). 4. Front. I. Gandra, Edgar Ávila, orient. II. Título.

CDD : 940.53

Fabio Leonardo Martins Duarte

MEMÓRIAS ENTRECruzADAS:

ANÁLISE DAS MEMÓRIAS DE EX COMBATENTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa:

Banca examinadora:

Prof. Dr. Doutor em Pela
Universidade

Prof. Dr. Doutor em Pela
Universidade

Prof. Dr. Doutor em Pela
Universidade

Agradecimentos

A minha mãe, pela paciência comigo nestes quatro anos, sei que estive ausente minha mãe, mas tudo isso foi para cumprir a promessa que fiz a você e ao meu pai.

A minha esposa, pela dedicação e ajuda nos momentos em que senti mais dificuldade, com tua ajuda esta trajetória se tornou mais tranquila.

Aos meus filhos, pelo carinho e paciência, sei que neste período o pai esteve um pouco ausente, mas esta minha caminhada se deu para vocês sentirem orgulho de mim.

Aos grandes amigos que a faculdade me proporcionou, Bruno Bierhals e Jeferson Munhoz, foram quatro anos juntos desde a primeira semana. Com vocês a faculdade se tornou muito mais alegre.

Ao meu orientador e professor Edgar Ávila Gandra, hoje um amigo que a faculdade me proporcionou, que aceitou embarcar nesta jornada, muito obrigado pela dedicação e ajuda até nos finais de semana.

Ao meu amigo, professor, Otávio Marques, que durante o meu estágio cedeu-me suas turmas e me auxiliou com dicas valiosas, tornando este período da faculdade mais tranquilo.

Ao meu amigo e entrevistado, Pracinha, João Pereira da Silva, o qual aceitou de bom grado desde o início a participar deste trabalho, dedico este, como uma homenagem ao Sr.

Resumo

DUARTE, Fabio Leonardo M. **Memórias entrecruzadas**: Análise das memórias de ex combatentes da Segunda Guerra Mundial. Orientador: Edgar Ávila Gandra. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Esta produção bibliográfica discute a participação e trajetória militar de um integrante do exército brasileiro durante o momento do conflito, posteriormente voluntário e componente da Força Expedicionária Brasileira a qual participou do esforço de guerra ao lado dos aliados durante a permanência na Itália. Tendo suas memórias como pano de fundo, foi traçada sua trajetória militar nos anos em que a fonte oral esteve presente nas fileiras do exército, com isso, sua trajetória mesclada com a história da FEB trouxe fatos relevantes que marcaram os feitos brasileiros no conflito, Segunda Guerra Mundial. Contudo, ao contrário das demais pesquisas feitas em relação a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, onde os pesquisadores tiveram que se debruçar nos escritos feitos sobre o evento, esta pesquisa está baseada na fonte viva, onde seus feitos nos foram revelados através de entrevistas concedidas e autorizadas para o estudo. Aliado a estas entrevistas fez-se o uso de depoimentos de Pracinhas, disponíveis em vídeos documentários na web onde seus relatos e feitos corroboraram angariando dados que contribuiram ainda mais para a construção desta história militar, que muitas vezes é contada sobre a ótica das mais altas patentes das forças armadas que estiveram no Front.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. Força Expedicionária Brasileira (FEB). Pracinha. Front

Abstract

DUARTE, Fabio Leonardo M. Criss-Cross Memories: Analysis of the memories of ex-combatants from World War II. Advisor: Edgar Ávila Gandra. 2019. Course Conclusion Paper (Degree in History) - Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2019.

This bibliographic production discusses the participation and military trajectory of a member of the Brazilian army during the time of the conflict, later a volunteer and component of the Brazilian Expeditionary Force which participated in the war effort alongside the allies during his stay in Italy. With his memories in the background, his military trajectory was traced in the years when the oral source was present in the army ranks, thus, his trajectory mixed with the history of FEB brought relevant facts that marked the Brazilian deeds in the conflict. World War. However, unlike other research done on Brazilian participation in World War II, where researchers had to look at the writings on the event, this research is based on the living source, where their achievements were revealed to us through interviews with and authorized for study. Allied to these interviews was the use of testimonials from Pracinhas, available in documentary videos on the web where their reports and deeds corroborated gathering data that further contributed to the construction of this military history, which is often contacted from the perspective of the highest ranks of the armed forces that were in the Front.

Keywords: Second World War. Brazilian Expeditionary Force (FEB). Pracinha. Front

Sumário

Introdução	09
1. Prelúdios de uma Guerra	16
2. Contexto brasileiro e a entrada na Guerra	19
3. Breve explanação sobre a criação do Exército brasileiro	23
3.1. História da FEB.....	24
4. Pelotas no cenário da Guerra	27
5. As memórias de João Pereira da Silva, relatadas em entrevistas e depoimentos de combatentes da FEB disponíveis como vídeo documentário na web	29
5.1. Convocação	29
5.2. Treinamento	31
5.3. Os Pracinhas no Front	33
5.4. A volta ao Brasil	37
6. Significado da guerra	41
Considerações finais	43
Entrevistas orais	46
Depoimentos em vídeos documentários/Youtube	47
Referências	48

Introdução

Este trabalho busca discutir a partir da carreira militar do Sr. João Pereira da Silva, combatente da Segunda Guerra Mundial, a partir da memória e documentação diversificada para este fim, edificamos nossa trajetória de exposição, compartimentando o presente em seis capítulos. Para opção narrativa, oscilamos entre uma escrita formal e uma postura mais livre, tal qual uma narrativa de um diário de campo antropológico. Mesmo sabendo dos desafios que enfrentaremos nesta escolha, acreditamos que transformará o texto em uma leitura mais agradável ao nosso leitor.

Desde a minha adolescência o fascínio pelas grandes guerras sempre esteve presente no decorrer da minha vida, com alguns livros, textos e muitos documentários sobre o tema, esta paixão, se assim posso dizer, levou-me a academia, e naturalmente meu trabalho de conclusão de curso seria escolhido a partir de algum assunto relacionado a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Espero, através deste trabalho, demonstrar minha admiração não somente os bravos brasileiros que colocaram suas vidas em risco em prol da humanidade, mas também homenagear um ilustre conterrâneo pelotense que se fez presente no conflito em solo europeu o Segundo Tenente Reformado João Pereira da Silva.

Para adentrar neste assunto é preciso saber que a presença dos Pracinhas na Segunda Guerra Mundial é um assunto amplamente estudado e debatido no meio acadêmico. Entretanto, este novo estudo vem para enriquecer a historiografia, trazendo um olhar mais específico sobre o tema.

Sendo assim, o presente trabalho de conclusão de curso também buscará uma releitura, não só dos sete meses e dezenove dias que durou a participação da FEB na Segunda Grande Guerra, mas também saber qual o tipo o reconhecimento que os Pracinhas obtiveram após seu retorno ao Brasil, esta releitura será feita a partir do embate entre memórias diferenciadas, afim de compreender o universo social dos Pracinhas envolvidos diretamente nos confrontos no Front italiano. Para este fim iremos trabalhar com três fontes, a saber:

1º - A memória reavivada de um Pracinha do 2º contingente de combatentes deslocados para a Itália que vivenciou o confronto bélico da Segunda Guerra Mundial, 2º - Vídeos documentários contendo relatos dos feitos de combatentes brasileiros da Segunda Guerra Mundial, disponível na plataforma Youtube, e 3º - bibliografia vinculada à temática FEB e Segunda Guerra Mundial.

Indicamos que temos presente os desafios destes estudos relacionais com fontes tão singulares, no entanto, no nosso entender, também são complementares e passíveis de interação a partir de um rigoroso trabalho historiográfico.

A primeira fonte é importante pela perspectiva de reconstruir a memória de um combatente e por isso, obterá de nossa parte uma atenção redobrada visto que tanto o fator idade, como a questão de sua atuação, há filtros que devem ser estabelecidos.

Nossa primeira tarefa enquanto historiadores será compreender a escala de participação do entrevistado no conflito supracitado e através deste, compreender o sentido de sua exposição e perceber sua atuação quanto combatente.

É um rico multifacetário cabedal de informações que, contudo, nos desafia a entender a profundidade de sua contribuição para preencher com “carne e sangue” esta compartimentação da história, que ora buscamos estudar.

A segunda fonte constitui-se de vídeos documentários que envolvem a perspectiva de como a Força Expedicionária Brasileira influenciou a memória dos militares neste contexto que buscamos estudar. Mesmo como amostragem a fonte é válida na medida em que se mostra como marco referencial do Exército Brasileiro, sendo que suas perspectivas são rememoradas nas Escolas e Academias desta agremiação.

Quanto ao terceiro cabedal de informações, uma memória consolidada na bibliografia vinculada à história da FEB e Segunda Guerra Mundial, os contextos de enfrentamento bélico entram no campo da estratégia militar, formação de oficiais e soldados brasileiros.

Entrecruzando estas três fontes (depoimentos/entrevistas de um Pracinha, vídeos/documentários de combatentes de outras regiões do Brasil, disponíveis no

Youtube, e das demais produções textuais e bibliográficas usadas para corroborar neste trabalho) pretendemos desvelar aspectos ainda opacos do conflito mundial.

Nosso trabalho tem como conceito fundamental a memória, o qual comungamos com Jacques Le Goff:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (2003, p. 419)

Por fim, esta pesquisa tem por objetivo entrecruzar os relatos feitos por um combatente da Força Expedicionária Brasileira, que esteve em combate em solo inimigo, através de suas memórias relacionadas com as diversas produções textuais e vídeos documentários referentes à Segunda Guerra Mundial. Com base nas informações relatadas sobre sua permanência na Itália, foram reunidas no presente trabalho, vislumbrando com seu resultado corroborar com valiosos dados a fim de enaltecer ainda mais a história brasileira no desenrolar da Segunda Guerra Mundial.

Neste momento passamos a historiar as inúmeras pesquisas que foram feitas a respeito da Segunda Guerra ao longo dos anos e analisar os vários documentos sobre a Força Expedicionária Brasileira e sua participação em um dos maiores conflitos que a humanidade presenciou no século XX. Estas produções nos levam há uma viagem no tempo e através destes documentos é possível refletir sobre as mais variadas facetas ocorridas durante o período, assim será possível saber como foi a participação dos brasileiros e também de todos os envolvidos neste conflito.

A compreensão desse passado recente da humanidade é obtida através dos resultados destas pesquisas. Agora imagine você que está lendo este trabalho de conclusão de curso, se pudesse estar frente a frente com a história, e mais ainda, estar na presença de alguém que realmente participou efetivamente deste episódio que marcou nosso passado e assim tendo a oportunidade de revisitarmos fatos ocorridos durante a sua permanência no território europeu, como seria?

O destino me proporcionou a oportunidade de conhecer um veterano da Segunda Guerra Mundial, e após algumas conversas, a decisão de entrevistá-lo me pareceu uma ótima oportunidade de confrontar as inúmeras produções textuais que

li, ao longo do curso de Licenciatura em História, e esclarecer algumas dúvidas. Assim, de comum acordo com a fonte viva deste acontecimento mundial, começamos os encontros, totalizando 07 entrevistas com 14 horas de gravações, além de algumas anotações. Nas conversas/entrevistas sempre procuramos chegar a pontos convergentes e divergentes entre o que está escrito em produções bibliográficas e documentos históricos com os relatos obtidos das memórias de um combatente da FEB.

Como já mencionado, o presente trabalho entabulará um diálogo de pesquisas já realizadas a respeito do assunto, com depoimentos de outros “Febianos” registrados em vídeos e a história do entrevistado contada através de suas memórias.

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que possibilitam testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Com base nestas informações, este trabalho terá a mais fidedigna fonte sobre o tema escolhido, que é o Sr. João Pereira da Silva, 2º Tenente Reformado do Exército, Pracinha Brasileiro, combatente da Segunda Guerra, que com base em suas memórias e informações, possam ajudar na releitura desse conflito. Conforme Alberti (2005),

A História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador à fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (p. 155).

É de suma importância destacar que o trabalho com a oralidade consiste em não primar pela história na sua totalidade, e que os resultados poderão não resultar em uma verdade absoluta ou apresentar imprecisões, mas possibilita gerar dados que algumas vezes a pesquisa escrita não possui. Segundo Alessandro Portelli (1998):

As fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum status político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época (p. 57).

Para nosso estudo isso é fundamental na medida que entabulamos diálogos mais complexos com memórias reavivadas com nossos depoentes.

Em se tratando de história oral, na definição do historiador Meihy (2006), trata-se de um conjunto de procedimentos de caráter interdisciplinar que se iniciaria com a elaboração de um projeto e que se concretiza com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas, por meios eletrônicos (gravadores, filmadoras e, cada vez mais, a internet) e do contato humano direto e dialógico. O presente projeto usará como fonte oral, o Sr. João Pereira da Silva, o qual irá relatar suas vivências enquanto estiveram presentes nas fileiras do Exército e na Força Expedicionária Brasileira, como também vídeos entrevistas, gravadas de combatentes da FEB e disponibilizadas como documentário na plataforma Youtube que irão dialogar com a fonte oral primária.

Iglesias (1984), relembra que recorrer a relatos orais não é um expediente novo na história da humanidade. No entanto, o homem se utiliza de relatos orais para "expressar o legado de seus antepassados ou simplesmente proteger do esquecimento os eventos mais recentes", tendo o relato oral "raízes na própria natureza do homem". O relato da fonte primária certamente traz particularidades, as quais são cercadas de detalhes e visões que aproximam da veracidade dos acontecimentos.

Grande parte do conhecimento sobre estes momentos são construídos a partir de memórias e relatos de participantes deste evento mundial, os Pracinhas, convêm mencionar que alguns depoentes dos vídeos documentários talvez já não estejam mais vivos, pois todos se encontravam com elevada idade e alguns dos vídeos já possuem algum tempo desde sua publicação.

As memórias são uma sólida e bela herança do passado e um registro singular de um fenômeno coletivo que buscamos trabalhar de forma rigorosa e academicamente. Neste sentido, Le Goff (1990) afirma que para o estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedades de memória essencialmente oral e sociedades de memória essencialmente escrita, como também às fases de transição da oralidade à escrita. Com isso, é importante que se utilize as duas formas de pesquisar, a fonte oral

entrelaçada e por vezes, relacionadas a fonte escrita. Portanto, será também relacionado o relato do Sr. João Pereira, com a história escrita.

É de suma importância mencionar que, será utilizada a biografia como metodologia e aporte referencial para o constructo do presente trabalho, partindo do princípio que externaremos a história militar de um homem que combateu na Segunda Grande Guerra Mundial e com isso, alguns episódios que marcaram a história da humanidade. Dialogaremos com as palavras de alguns autores que utilizam também a biografia como metodologia, como por exemplo, as palavras da historiadora Vavy Pacheco Borges:

No sentido do senso comum, a biografia é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a História. A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu (BORGES, 2005, p. 215).

Trilhando o caminho para elaboração deste trabalho torno-me, por vezes, um historiador-biógrafo, e com isso tenho que me ater à veracidade dos fatos obtidos nas entrevistas e pesquisas, este percurso não é estranho à produção de uma biografia e o historiador-biógrafo, não pode em nenhum momento renunciar à tarefa de narrar uma história de forma verdadeira, a partir da observação de certos cânones constituintes da pesquisa histórica. Ainda neste pensamento, segundo o historiador, Jean Orioux:

[...] o biógrafo tem que reunir o maior número possível de conhecimentos sobre o seu personagem, com o propósito de se aproximar ao máximo da precisão, autenticidade e probidade (ORIEUX, 1994, p. 39).

Para corroborar com este trabalho, foram também utilizados algumas citações de Michael Pollak (1989), sociólogo com pesquisas na área da ciência social e “memória”, dentre algumas de suas citações o autor afirma que a memória é uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar”, ou ainda estando este projeto fundamentado nas memórias de um combatente da Segunda Guerra Mundial, com todas as suas experiências vividas durante o conflito, juntamente com seus companheiros, seria coerente usar novamente uma fala de Pollak (1992), onde o autor aponta elementos constitutivos da memória, quais sejam: os acontecimentos vividos pessoalmente e os “vividos por tabela”; pessoas e personagens e, por fim, lugares.

Nas entrelinhas das falas dos nossos depoentes, podemos escutar as realidades que transbordam dores, coragens, hábitos, medos e angustias, neste sentido, analisando os estudos sobre memória do autor Pollak, debruicei-me em seus escritos os quais me auxiliaram a formular questões e discussões, que norteou o presente trabalho.

O recorte temporal desta pesquisa se baseia na memória sobre atuação da fonte oral que foi utilizada na ideia de relacionar os relatos com os documentos produzidos e as entrevistas em vídeo disponíveis na internet, portanto, efetuando o cruzamento dos resultados das variadas fontes, este contribuirá para o surgimento de novos conhecimentos para a historiografia nacional e militar brasileira.

1. Os prelúdios de uma guerra

Nesse momento, a pesquisa visa expor elementos iniciais do contexto da Segunda Grande Guerra Mundial, neste sentido, considerar que estopim que deu início ao conflito, foi apenas a invasão da Polônia em 1º de setembro de 1939, é desconhecer o que já estava acontecendo na Alemanha nos anos anteriores à derrubada da fronteira e o ataque contra as tropas Polonesas.

Alguns aspectos importantes, anteriores ao 1º de setembro de 1939, precisam ser considerados e já demonstravam que algo extraordinário estava por vir, como por exemplo, os resquícios da Primeira Guerra onde a Alemanha sai derrotada, após a rendição, o tratado de Versalhes é assinado fazendo com que aja um descontentamento dos germânicos com relação as suas cláusulas. Em termos, pode-se dizer que “[...] a Segunda Guerra Mundial nasceu das vitórias na primeira, e da forma pela qual foram usadas” (TAYLOR, 1979, p. 40). Sobretudo no contexto dos países europeus.

A criação do fascismo na Itália de Benito Mussolini em 1922, também desempenha um papel importante que antecede a Segunda Guerra Mundial. Este movimento inicia-se e ganha muitos adeptos na Europa em meio à crise do capitalismo e do liberalismo que atingiu as principais economias na década de 1920.

Para contornar estes problemas, buscavam-se novas alternativas políticas, conforme o professor doutor João Fábio Bertonha, da Universidade Federal de Maringá, autor de variadas produções sobre o nazismo fascismo e Segunda Guerra “A proposta da esquerda foi o socialismo e o comunismo, enquanto a da direita foi o fascismo” (BERTONHA, 2005, pag.9). É digno de nota que este contexto político reverberou em maior grau por praticamente quase todos os países do período em tela.

É digno de nota que, também se faz necessário um recuo até o nascimento do nazismo, onde Hitler após ser preso por tentar um golpe para tomada do poder, escreve na prisão as ideologias do que viria logo após ser o partido Nazista.

Ocorreu que o Putsch acabou fracassando e Hitler acabou preso na prisão de Landsberg em 1924, enquanto estava no cárcere escreveu Mein Kampf (Minha Luta), com a ajuda de seu assistente Rudolf Hess, apesar de parecer

confuso o livro realmente apresenta a ideologia nazista de forma concisa (FEST, 2005).

O fortalecimento político de Hitler, tornando-se Führer no ano de 1934, através de um plebiscito, com o aval da grande maioria do povo germânico, aliado com a morte do presidente alemão onde, no mesmo dia, Hitler edita uma lei que une os poderes do presidente e chanceler em um só cargo e beneficia-se desta. Hitler com toda a sua capacidade política, carisma e habilidade em discursar para a massa germânica, enfim toma o poder do Terceiro Reich, Laurence Rees, resume a ascensão de Hitler ao poder da seguinte forma:

A bem-sucedida ascensão de Hitler ao poder – e sua liderança carismática – tem base em sua habilidade retórica. [...]. Nos anos que se seguiram após a Primeira Guerra, havia inúmeros pequenos grupos políticos extremistas em Munique, mas nenhum deles possuía nenhum palestrante capaz de inspirar o público daquele jeito (REES, 2013, p. 19).

Todos estes pontos elencados juntamente com as execuções sumárias dos seus adversários, expurgo dos judeus que viviam em solo alemão, o Pacto Molotov-Ribbentrop (também chamado, por vezes, de Pacto Nazi-Soviético) assinado em 23 de agosto de 1939, pacto este que previa a divisão dos espólios de guerra com a invasão da Alemanha e a não intromissão da União soviética no conflito, já eram sinais que algo estava para ocorrer. Cabe aqui salientar que, Hitler com toda sua crueldade e ideias totalitárias não se manteria no poder, se não tivesse apoio maciço da população. Utiliza-se este conceito “massas”, pois se trata de uma “não totalidade” de apoio da população nos ideais hitleristas na Alemanha. Sendo assim:

A ascensão de Hitler ao poder foi legal dentro do sistema majoritário, e ele não poderia ser mantido a liderança de tão grande população, sobrevivendo a tantas crises internas e externas, e enfrentado tantos perigos de intrapartidárias, se não tivesse contado com a confiança das massas (ARENDETT, 2012, p. 435).

Assim, estava montado alguns aspectos de suma importância para o cenário que desencadeou o início da Segunda Guerra Mundial, envolveu um total de 58 países. Em 1º de setembro de 1939, a Alemanha sem a prévia declaração de guerra invadiu o oeste Polônês, seguida pelas tropas russas ao lado leste. Dois dias após a invasão da Polônia, Inglaterra e França declaram guerra à Alemanha, dando início assim, a Segunda Guerra Mundial. Logo após invadir a Polônia, as tropas alemãs dominaram facilmente a [...] Dinamarca em 9 de abril de 1940, a Holanda, em 15 de

maio de 1940, a Bélgica, em 28 de maio de 1940, a Noruega, em 10 de julho de 1940 e a França em 14 de julho de 1940 (COTRIN, 2002, p.120).

Este item foi importante na medida em que nos permitiu analisar como Adolf Hitler ascende o poder de forma rápida e ao mesmo tempo mostra o surgimento do nazismo, e desencadear posteriormente a ofensiva bélica na Europa com a invasão a Polônia, iniciando assim a Segunda Guerra Mundial.

2. Contexto brasileiro e a entrada na guerra

Neste capítulo será abordado o cenário brasileiro que antecedeu a declaração de guerra do governo contra a Alemanha e alguns dos principais motivos que levaram Getúlio Vargas a declarar apoio aos países aliados.

Antes da Força Expedicionária Brasileira tocar o solo Europeu, articulações políticas, financeiras e diplomáticas movimentaram a vida do governo brasileiro, para que se tivesse uma definição da entrada na Guerra e sobre qual lado o Brasil iria assumir funções, alguns dos principais pontos que levaram o Brasil a não entrar em confronto com tropas nazistas na Itália, serão destacados aqui, como por exemplo, desenvolvimento da indústria siderúrgica brasileira, segundo Corsi (2000, p.16), que afirma ser a política externa do Estado Novo, a primeira a pautar-se por um projeto nacional de desenvolvimento, dando ênfase para a busca de tecnologia e capitais externos para fomentar a industrialização do país.

A modernização das forças armadas era um dos ensejos de Vargas, mas o presidente sabia que por si só o Brasil não teria meios econômicos próprios para isso, sendo necessário então ajuda financeira externa. Portanto, estava ali no conflito desencadeado na Europa, a oportunidade para que estes fundos viessem para o Brasil, restando à melhor maneira de como escolher a quem o governo iria apoiar.

Destaca-se que os autores abordados possuem em vários casos, posições intelectuais diversas, no entanto, recortam-se os excertos que se acredita ser necessário para construir a temática.

Durante o Estado Novo e com o seu poder viabilizado por um explícito esquema militar, foi essencial para o presidente Getúlio Vargas uma devida atenção à dimensão internacional das Forças Armadas brasileiras, sobretudo à questão do reequipamento militar. Por conseguinte, as questões militares da época estavam intrinsecamente ligadas a questões políticas da Era Vargas (DANESE, 2017; MOURA, 2012).

Dentre os fatores externos, cabe destacar os ataques a navios mercantes brasileiros, que também influenciaram na tomada de decisão do governo para deixar a neutralidade e anunciar apoio aos países aliados. Segundo Gerson Moura (1993):

Os eventos mais importantes que afetaram o processo decisório da política externa brasileira em 1942 foram os seguintes: a Conferência do Rio de Janeiro (janeiro), na qual o Brasil rompeu relações com as potências do Eixo; a missão do ministro da Fazenda Souza Costa a Washington (fevereiro/março), durante a qual foram assinados acordos militares e econômicos com o governo norte-americano; o acordo secreto político militar com os EUA (maio), que estabeleceu a criação de duas comissões mistas militares para planejar a defesa do território brasileiro; e a declaração de guerra contra a Alemanha e a Itália (agosto), depois que cinco navios mercantes brasileiros foram colocados a pique (MOURA, 1993, p. 184).

Gerson Moura, foi um dos pioneiros acadêmicos das relações internacionais que estudou profundamente a política externa brasileira nos anos 1930 e 1940. Com base nos seus estudos, podemos ter a noção de como se deu o processo decisório de entrada na guerra e apoio brasileiro.

Além da política externa brasileira que naquele momento influenciou no processo decisório para aderir a guerra, temos também a pressão da população brasileira que, após os ataques nazistas a vários navios nacionais posterior ao governo sinalizar apoio aos aliados, além de toneladas de matérias que se perdeu, ceifou vidas de compatriotas gerando uma forte opinião pública que exigia que Getúlio tomasse partido na guerra. Este sentimento de resposta aos ataques sofridos, Leôncio Basbaum nos relata em seu livro *História Sincera do Brasil em 1976* que:

[...] já não era mais possível hesitar. A indignação popular chegara ao auge, e o povo, em demonstrações de rua, atacava casas e estabelecimentos alemães e italianos exigindo a declaração de guerra. Afinal, a 22 de agosto, depois de uma vibrante manifestação, em que os estudantes do Rio tiveram papel marcante, declara-se o Brasil em estado de guerra com as nações do Eixo. No ano seguinte o governo começa a organizar um corpo expedicionário cujo chefe seria o General Mascarenhas de Moraes. Em 1944 embarcaram para a Itália os primeiros escalões. A cobra começa a fumar (BASBAUM, 1976, p. 125).

Perceber que a guerra se fez presente em nossos arredores somente em 1942, é incorrer em um equívoco, pois sabe-se que anterior a estes acontecimentos, os quais tiveram papel importante para que o Brasil definitivamente entrasse na guerra, temos o dever de mencionar o episódio conhecido como, “a Batalha do Rio da Prata”, onde as marinhas inglesas e alemãs travaram um combate pelo Oceano Atlântico, próximo à costa brasileira, onde o resultado deste, foi a afundamento de um navio alemão considerado o maior e mais moderno da armada nazista o Admiral Graf Spee em águas uruguaias em 1939. Também devemos mencionar os “teuto-brasileiros”, essa expressão é designada para mencionar de que forma os grupos de descendentes dos imigrantes alemães, que colonizaram a partir do século XIX, os

lugares destinados pelo Governo brasileiro para sua ocupação sistemática, sobretudo nos Estados do Sul. Dentre estes, alguns alemães já faziam parte do movimento ou partido nazista no Brasil, conforme Ana Maria Dietrich, Doutora Professora Universidade Federal do ABC/ Santo André/SP, que tem entre suas obras pesquisas relativas ao partido nazista no Brasil, nos diz que:

O partido estabelecido no Brasil estava inserido em uma rede de filiais deste partido instaladas em 83 países do mundo e era comandado pelas ordens e diretrizes da Organização do Partido Nazista no Exterior, cuja sede era em Berlim. A análise do presente texto se faz um recorte da temática original da pesquisa de doutorado Nazismo Tropical, o Partido Nazista no Brasil (DIETRICH, 2007 (2)).

A proximidade com os americanos durante a guerra também colocou o Brasil mais próximo do conflito, antes mesmo de fazer parte do esforço de Guerra ao lado dos aliados. Sabendo que nosso território contava com uma localização privilegiada na América do Sul, e com matéria prima capaz de ser utilizada na guerra, por vezes diplomatas americanos tentavam fincar bases por aqui, mas somente em 1942, mais ou menos dois anos antes da FEB atravessar o Atlântico, foi que os planos militares de Franklin Delano Roosevelt se concretizaram:

Pela sua localização privilegiada e pelos abundantes recursos agrícolas, extrativos e minerais, bem como pela sua importância política regional, o Brasil concentrava os principais esforços de negociação. Um choque de interesses se evidenciou rapidamente: os Estados Unidos queriam enviar militares seus para a construção, reforma, administração e proteção das bases, e o governo brasileiro, por seu lado, não queria receber soldados, mas sim armas e recursos estadunidenses para organizar sua própria defesa. Somente após meses de negociações pacíficas de ambos os lados, no início de 1942 foi autorizado o uso das bases do Norte e Nordeste brasileiros às Forças Armadas dos Estados Unidos (FERRAZ, op. cit., 2003, p. 15).

Não despenderei atenção sobre a atmosfera política interna brasileira com o Estado Novo, pois esse não é o principal objetivo do trabalho, mas sim pinçar alguns elementos nas decisões de Vargas que devemos levar em consideração que levou o Brasil a entrar no conflito como demonstrado anteriormente.

É importante demonstrar aqui que, através das pesquisas, nota-se a astúcia de Vargas em lograr êxito em seus objetivos políticos e militares, aproveitando-se da situação na qual EUA e Alemanha estavam inseridos.

Por meio de uma sucessão de ágeis manobras políticas, Vargas procurou obter financiamento para a criação da Companhia Siderúrgica Nacional, assim como para o reequipamento e modernização das Forças Armadas. Os Estados Unidos, por seu lado, reivindicavam permissão para o

estacionamento de tropas norte-americanas nas bases do Nordeste e o fornecimento de materiais estratégicos (EICKHOFF, 2005, p. 9).

Convém mencionar também, o contexto militar brasileiro às vésperas do envio de militares para o Front. As forças armadas brasileiras não contavam em suas fileiras com um número expressivo de combatentes para poder enviar para guerra, sendo necessário além de sorteios dos militares que integravam as forças armadas o recrutamento de voluntários, que se mostrou um problema, sendo uma tarefa difícil.

Vale frisar, entre parêntesis, que o recrutamento apresentou índices espantosos, quanto às condições físicas de nossa juventude. Grande – se não a maior parte – se constituía de jovens do interior do país. Mais de 65% dos convocados foram declarados *incapazes* por deficiências diversas: analfabetismo, avitaminoses, precário estado de dentes, verminoses, etc. e, em todos os casos, subnutrição (BASBAUM, 1976, p. 131).

3. Breve explanação sobre a criação do exército brasileiro

A criação das Forças Armadas, em especial o Exército Brasileiro está outorgado na nossa Constituição Federal tendo seu significado de Forças Armadas segundo a Constituição Brasileira de 1988, descrita no seu título II capítulo IV, Art. 142. As Forças Armadas, constituídas pela Marinha, pelo Exército e pela Aeronáutica, são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base na hierarquia e na disciplina, sob a autoridade suprema do Presidente da República, e destinam-se à defesa da Pátria, à garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem, Constituição (1988).

Para falar sobre a FEB e sua criação, não se pode deixar de mencionar o surgimento do Exército Brasileiro, sua origem remonta ao século XVII com a Guerra dos Guararapes, onde tropas Luso Brasileiras combateram com êxito no Nordeste do Brasil as tropas Holandesas pelo domínio da região.

Conforme Bento (2004), A vitória luso-brasileira na guerra dos Guararapes teve dimensão nos quatro campos do Poder: político, econômico, psicossocial e militar. No campo militar, significou a formação da primeira ideia de Força Armada genuinamente nativa.

Após o período colonial que marca sua origem, o Exército Brasileiro passou por algumas modificações e transformações, como a Guerra do Paraguai (1865-1870), citada por Homero (2006), conflito que levou o Império a mudar sua forma de usar as forças armadas, que simplesmente não estavam preparadas para guerras modernas.

Já no século XX, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Exército brasileiro percebeu as necessidades de mudanças que visavam melhorar e aperfeiçoar a capacidade de combates em conflitos externos, conforme relata Carvalho (2006):

A luta do Exército e da Marinha por maiores efetivos, melhor aparelhamento, mais recursos, vinha de longa data. Os ministros queixavam-se sistematicamente do que julgavam ser descaso dos governantes com suas necessidades. Após 1930, aumentaram as pressões, agora com maior poder de fogo (CARVALHO, 2006, p. 87).

Frente ao exposto, destacamos que o Exército Brasileiro só entrará em compasso de modernização após a participação da FEB na Segunda Guerra Mundial.

3.1. História da FEB

Nesta compartimentação, o presente trabalho tem como finalidade demonstrar a criação da Força Expedicionária Brasileira, a partir do momento que Getúlio Vargas aprovou em março de 1943, a criação de um corpo expedicionário destinado a lutar contra a Alemanha em território italiano. De forma geral, a imprensa brasileira é tomada de um entusiasmo pelo envio de tropas brasileiras para lutar no exterior, segundo Soares (2014). No mesmo ano iniciou-se a convocação para preparação deste contingente que seria enviado para África ou para Europa. Contudo, cabe salientar que o Brasil não entrou de imediato no conflito com tropas militares, como observamos na data de criação da Força Expedicionária Brasileira, ou seja, com qualquer tipo de apoio. Dias após a eclosão da guerra, o governo brasileiro chegou a decretar neutralidade, haja vista que nenhum país americano estava envolvido. Foi somente após o ataque a Pearl Harbor, pelo Japão, que os EUA declaram guerra aos países do eixo, após isso, o Brasil sofre pressões constantes pelo lado alemão e americano para declarar apoio a um dos lados, mas somente com o afundamento de navios mercantes brasileiros, por parte de submarinos nazistas que o Brasil enfim toma parte na guerra e declara apoio aos países aliados. Este momento está registrado através do decreto Nº 10.358, de 31 de agosto de 1942, reconhece o estado de guerra entre o Brasil e as potências do Eixo, posterior o Decreto nº 10.451, de 16 de setembro de 1942, de mobilização geral.

A partir deste momento um capítulo de enorme importância começara a ser escrito no que tange às Forças Armadas brasileiras.

Foi então criada a FEB (Força Expedicionária Brasileira) sob o comando do General Mascarenhas de Moraes, e integrada ao 4º Corpo do Exército Americano. Por meio da Portaria Ministerial nº 47-44 (LINS, 1985), de agosto de 1943, expedida pelo Ministro de Estado de Guerra Eurico Gaspar Dutra, seguiam as instruções para os Comandos das Regiões Militares do país, no intuito de organizarem a formação da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária Brasileira.

Logo depois da criação da FEB, a força começou a usar o lema "A cobra está fumando" e a imagem da cobra fumante como seu símbolo, se referindo aos

comentários sobre a possibilidade de o Brasil lutar na guerra, antes da declaração da mesma.

Cabe aqui salientar que, anteriormente as tropas do Exército Brasileiro recebiam treinamento militar aos moldes da escola francesa, a qual já se mostrara atrasada na arte de guerrear (antes da Segunda Guerra Mundial, a França não se modernizou com a devida rapidez que o contexto exigiu), este tipo de treinamento era completamente ineficiente e obsoleto para o conflito que ocorria na Europa, uma prova disso é a resistência da França à invasão alemã, que dura somente por alguns dias, tendo a Alemanha iniciado sua ofensiva militar no território francês do dia 05/06/1940. E em 14/06/1940 as tropas do exército nazista já desfilavam pelas ruas de Paris, por isso foi necessário reaparelhamento e um novo tipo de treinamento, para que a FEB pudesse desempenhar sua missão com maior eficiência frente aos alemães que estavam mais estruturados, aparelhados e treinados.

É preciso ter em vista que o Exército brasileiro era baseado nos preceitos da antiga “Missão Francesa” desde a sua organização, regulamentos, e processos de combate. Portanto, deveria se formar de um contingente modelado montado à francesa, uma Força Expedicionária que funcionasse à americana. De acordo com Santos:

A instrução era dificultosa, pois envolvia não o treinamento, mas o aprendizado de novas técnicas, novas doutrinas e novos materiais. Desde a instrução especial para cada arma ou serviço, passando pela formação dos Praças, até a formação de especialistas e a instrução da tropa (Santos,2006).

Com a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) novamente o Exército passa por mudanças até a criação da FEB, pois era perceptível o atraso de desenvolvimento das Forças Armadas brasileiras gerando um desalinho entre a vontade de participar da guerra e seu material humano e bélico. De acordo com Sirlei de Fátima Nass:

O Exército brasileiro não possuía material de guerra moderno. A infantaria, estruturada desde 1920 segundo a escola francesa, era voltada para a guerra de trincheira. Não dispunha de meios motorizados, nem compreendia o movimento como gerador de ação decisiva. A artilharia, além da carência de material adequado, tinha a técnica, os conceitos e os processos superados. As dificuldades também eram graves nos setores das comunicações e de apoio logísticos, vitais na guerra moderna (NASS, p. 36, 2005).

Nos tempos atuais chamamos os veteranos de guerra da Força Expedicionária Brasileira de Pracinhas, concordo com João Alberto Barone Reis e Silva, historiador diletante no seu livro “O Brasil e a sua guerra quase desconhecida” explica que o conceito de Pracinha surge logo após a criação da FEB e que segundo Barone (2013), este termo advém de a expressão “sentar praça”, que significa se alistar nas Forças Armadas. O apelido era atribuído aos soldados rasos, detentores da patente mais baixa da hierarquia militar.

Finalizando este capítulo, convém mencionar a sua importância para nosso estudo, pois através dele se obteve muita informação que nos ajudou a reconhecer o despreparo que as forças militares brasileiras conviviam antes da formação da FEB e do seu treinamento feito pelas tropas aliadas.

4. Pelotas no cenário da guerra

Passamos a analisar brevemente a história local. Pelotas militarmente entra neste contexto de guerra de forma natural, após o Brasil se inserir no conflito, a cidade entra neste cenário e registra sua participação na história, convém destacar que devido aos seus dois batalhões do exército, existentes no município, o Quartel de Comando 8ª Brigada de Infantaria Motorizada e o quartel do 9º Batalhão de Infantaria Motorizado (9º BIMtz), além de já contar com um contingente existente nestes batalhões, houve também a convocação e solicitação de voluntários. A atmosfera social da cidade com relação ao grande número de imigrantes, com destaque aos alemães e italianos, durante o período, foi de convívio conturbado, pois haviam perseguições generalizadas que atingiam tanto o pessoal como material, a destruição patrimonial era o meio de ataque mais comum contra as pessoas de origem e descendência germânica e italiana, conforme nos relata Elisa Schwartz em seu trabalho monográfico:

Em Pelotas, como em outros locais do país, após a notícia de que “eixistas” afundaram os navios Baependi, Araraquara e Aníbal Benévolo na nossa Marinha Mercante, com mais ou menos 900 pessoas a bordo a população concentram-se no centro da cidade, principalmente em frente às redações de jornais, ansiosa por maiores detalhes e aguardando providências do governo brasileiro. Com a divulgação de notícias mais amplas, a população segue em marcha começando o quebra-quebra, em que os principais alvos eram os estabelecimentos comerciais e as residências de alemães e italianos, fossem de origem de origem ou nascimento, aqui residentes (Schwartz, p.2, 1994).

Convém uma reflexão a respeito deste contexto da guerra que a cidade de Pelotas estava inserida: Tanto o Brasil como o Rio Grande do Sul, estavam envoltos a estes protestos e a cidade, por não ser uma ilha isolada, também se contaminou com esse sentimento de “vingança para com os alemães e italianos”.

Episódios de perseguição eclodiram na cidade, entre estes o “quebra-quebra” acontecido em agosto de 1942, repressão aos alemães na cidade de Pelotas, no qual manifestantes adentraram em estabelecimentos cujos proprietários eram de origem ou descendência alemã, e praticaram atos de vandalismo ou violência, assim como aconteceu em um hotel no centro de Pelotas, de propriedade de Henrique Schaefer, descendente germânico. O Hotel América foi incendiado em 1942, durante o “quebra-quebra” e, após os ataques, voltou a funcionar com o mesmo nome, no

mesmo endereço, porém com outro proprietário, Florentino Vieira F. (COMPANHIA..., 1947).

Estes atos de vandalismo aconteceram por toda a região, e muitos foram registrados em um dos principais veículos responsáveis por informar esses atos à população, foi o Jornal Diário Popular, dando destaque em suas páginas com as seguintes manchetes:

Foram em grande número as casas comerciais e residências, pertencentes a súditos do eixo, depredadas, ontem, durante a tarde: Hotel América, Hotel do Comércio, Ferragem P. H. J. Marxen, Fotografia Santos, Igreja São João, Cortume Júlio Hadler, Armazém Fiss e Tesmann, dr. Tochtropp, Alfaiataria Caprio, G. Keil, Willy Petzold (banca de frios no Mercado e residência), F. Treptow e Cia., Luiz Gutchow, residência de J. Guadalajara e algumas outras, cujos proprietários não foi possível a reportagem identificar, em virtude da confusão reinante no momento (Diário Popular, 20.08.1942: 2)

É importante destacar que uma comoção contra os teuto-brasileiros tomou conta dos pelotenses durante o período de guerra, o sentimento patriótico, de ajuda e indignação também levaram homens da cidade ao conflito, 54 militares voluntários e convocados foram enviados à guerra e combateram em solo italiano, dentre eles está o entrevistado Sr. João Pereira da Silva, e sua trajetória será contada através de suas memórias a seguir.

5. As memórias de João Pereira da Silva, relatadas em entrevistas e depoimentos de combatentes da FEB disponíveis como vídeo documentário na web

A partir deste momento nosso trabalho fará análises do entrecruzamento das entrevistas feitas com o Sr. João Pereira da Silva e dos depoimentos contidos em vídeo documentários de Pracinhas disponíveis na Web, contando sobre o período que integraram a Força Expedicionária Brasileira. A análise consistirá na busca de pontos que convergem e que se contrapõe. Para tal, destacamos os 4 pontos principais a serem analisados: a convocação, treinamento, período que estiveram no Front (chegada, combates, cotidiano) e o retorno para o Brasil. Por fim, ainda neste campo de depoimentos, nosso trabalho fará um registro do significado de Guerra através das falas dos próprios Pracinhas.

5.1. Convocação

Nas palavras do S.r João Pereira da Silva sua convocação se deu da seguinte maneira:

[...] eu já era militar, mas não tinha sido designado para guerra. Então me voluntariei, mas aconteceu que minha mãe foi até o quartel onde eu servia (9ºBimtz Pelotas) e pediu para o meu comandante para que não me enviasse para guerra, depois que minha mãe me saiu fui chamado para conversar com o comandante onde ele me falou do pedido da minha mãe, mas eu disse que queria ir, que eu queria lutar pelo Brasil, e o comandante insistiu que iria aceitar o pedido da minha mãe, mas eu disse que a decisão era minha e que eu queria ir, lembro que durante a convocação tínhamos que passar pela inspeção de saúde e tínhamos que estar em perfeitas condições, não podia ter nenhum dente estragado, durante os exames desclassificaram muita turma lá, o Exército pretendia ter 150 mil homens, mas acabou com 25.500.

Com o objetivo de analisar este ponto, juntaremos ao nosso estudo as entrevistas dos Pracinhas Sr. Francisco Pértile, Sr. Ary Lopes e o 1º Tenente Paulino.

Nas palavras do Sr. Francisco Pértile, descreve que sua convocação se deu da seguinte maneira:

[...]fui alistado para o serviço militar obrigatório em 1942, dia 02 de fevereiro de 1942, saí de Caxias RS e fui deslocado para Quaraí onde fiquei lotado por 23 meses na cavalaria, depois fui transferido para o Rio de Janeiro, pediram voluntários para ir ao Rio de Janeiro, mas que eu e ninguém sabiam que era para ir à guerra, quando chegamos lá ficamos sabendo que os voluntários que pediram eram para ir à guerra, que chegando lá um Coronel falou para o

peçoal que estava chegando assim, “que vocês vieram para ter instrução com os americanos e depois vão lutar na Alemanha”, fiquei assustado que até caiu os braços, não era possível que nós temos que ir à guerra né”, ficamos no batalhão de guarda no rio mais três meses.

Nas palavras do Sr. Ary Lopes, sua convocação ocorreu da seguinte forma:

[...]que antes da entrada para a FEB eu era funcionário civil da estrada de ferro das obras federais na cidade de LAFAIETE MG, fui convocado com 23 anos através do sistema de recrutamento para as forças armadas na época, e que mesmo não fosse recrutado para o serviço obrigatório o candidato era cadastrado para um caso de convocação, então mesmo não estando nas fileiras das forças armadas o governo brasileiro tinha um controle de contingente que pudesse ser chamado, e foi o que aconteceu comigo, não estava nas forças armadas mas através do cadastro de excesso de contingente e através deste cadastro é que o governo o me convocou para a guerra”.

O 1º Tenente Paulino relata que:

[...] nasci na cidade de boa vista, RR, me alistei no exército em 1941 e servi no estado do Amazonas, em 1942 fui transferido para o pelotão de fronteira com a colômbia, em 1944 eu já era sargento e fui convocado para guerra, da convocação, lembro que mesmo sendo militar e convocado na junta médica um dos requisitos era ter no mínimo 50 quilos, e eu na época tinha 49 quilos, e não ia passar na inspeção médica, mas lá na inspeção resolvi dizer que era voluntário e pedi para que não me reprovasse por causa de 1quilo, por que eu queria ser um defensor da pátria.

A historiografia oficial nos diz, que a preparação da FEB originou-se em 1943, quando foram dadas as ordens para a convocação de um contingente com número suficiente para ser enviado ao Front, durante a Segunda Guerra Mundial. Nos relatos acima podemos ter o conhecimento das formas que foram feitas estas convocações, vemos que dentre os 25.500 homens e mulheres, houve diferentes meios de formar este contingente, alguns foram voluntários e outros foram convocados. Observamos também que, mesmo estando nas fileiras das Forças Armadas, houve aqueles que se voluntariaram como foi o caso do Sr. João Pereira da Silva. Outros foram convocados, o Sr. 1º Tenente Paulino, e ainda do pessoal convocado, que formava o corpo de reservistas, o Sr. Ary Lopes. Entretanto, a grande maioria da FEB foi formada por um contingente voluntariado de militares que já faziam parte das forças armadas, e outros tantos eram pessoas (civis) que não tinham vínculo militar e eram das mais variadas regiões do país.

Fazendo uma análise destes depoimentos, destacamos que, apesar de muitos homens já estarem fazendo parte das forças armadas, houve aqueles que, antes mesmo da convocação, já haviam se voluntariado para ir ao Front, ficando

evidente que queriam garantir suas idas a Guerra e assim lutar pelo Brasil, fato relevante que não encontramos nos escritos históricos sobre o tema.

5.2. Treinamento

Com a formação da FEB um dos problemas iniciais que surgiram junto a este contingente recém-formado era a qualificação. Sabe-se que, até mesmo a tropa que já fazia parte do quadro militar das forças armadas, tinham um conhecimento tático e técnico um tanto obsoleto, para não dizer ultrapassado. Ainda, juntamente aos militares encontrava-se o contingente de voluntários (civis) que naquele momento não possuíam nenhum conhecimento de armas e combate.

Antes do envio das tropas para a Itália, a FEB haveria de passar por um treinamento. Depois de concluídos os trâmites iniciais para a seleção dos combatentes, foram enviados ao Rio de Janeiro onde teria início a preparação do contingente. Sendo assim, utilizarei os relatos dos Pracinhas citados neste trabalho para que tenhamos uma perspectiva deste treinamento e os momentos que antecederam o seu envio para Itália.

Para a elaboração deste item em nosso trabalho contaremos com os depoimentos da nossa fonte principal (Sr. João Pereira da Silva), e das entrevistas dos Pracinhas Sr. Ary Lopes e o Sr. Aduilio Gomes de Oliveira.

Iniciaremos com a fala do Sr João Pereira da Silva sobre o treinamento que a tropa vivenciou antes do envio para Itália nas suas palavras menciona o seguinte:

“Aquela turma já foi treinando separado dos outros que não foram convocados, que depois de um tempo treinando aqui em Pelotas fomos para o embarque, onde saímos a pé do quartel com a banda tocando até a estação ferroviária de Pelotas embarcamos em um trem que carregava boi, até Rio Grande, chegando lá embarcamos em um navio até Rio de Janeiro, e lá o treinamento foi bárbaro, ficamos três meses treinando até o embarque para a guerra, tivemos um treinamento fantástico, nós estávamos sucateados para ir para guerra estávamos sem armamento e sem fardamento, somente com o conhecimento que tínhamos aqui no Exército antes do Brasil entrar para guerra nós não iríamos desempenhar bem nosso papel, sendo necessário um treinamento diferenciado tanto aqui como na Itália e equipamentos diferentes dos que recebemos aqui antes do embarque, sempre que estiveram lá estavam treinando constantemente”.

Analisando e cruzando as informações colhidas entre nosso entrevistado, fonte principal desta pesquisa, com os depoimentos de outros Pracinhas nos

documentários disponíveis na web, podemos perceber que ambos tinham ciência de que o conhecimento militar de combate brasileiro não seria suficiente para um bom desempenho da missão na Itália, como relata o Pracinha, Sr. Ary Lopes, no seu depoimento:

Antes da entrada na guerra, como eu era de um contingente de excesso, na época do meu alistamento obrigatório eu fiz um treinamento muito básico, arcaico e primitivo para os padrões da guerra que acontecia devido a aliança com os americanos, todo este novo treinamento e apoio foi feito por eles, lembro que fui ter contato com o armamento de guerra moderno através do material cedido pelos americanos, que antes as forças armadas brasileiras tinham um sistema de treinamento e equipamento francês lá da primeira guerra mundial, e quando lá na Itália esse treinamento e equipamento já era ultrapassado.

Nas palavras do Pracinha Sr. Aduilio Gomes de Oliveira sobre o treinamento relata que:

No momento da reconvocação já começou os treinamentos um pouco mais aperfeiçoados que durou uns 90 e poucos dias no Rio de Janeiro e foi um treinamento diferente que tive durante meu ano de serviço obrigatório, o preparo psicológico para irmos a guerra não era muito bom nem ruim, era mais ou menos, mas de certa forma sabíamos o que iríamos enfrentar, mas que a realidade é muito diferente saímos daqui com fardamento brasileiro, mas chegando lá viram que não seria eficaz para o frio que era muito forte e ganhamos fardamento americanos, onde os dois exércitos brasileiro e americano estavam com o mesmo uniforme.

Analisando estes depoimentos concluímos que, não houve divergências nos relatos no que tange a eficácia do treinamento em que os militares brasileiros eram submetidos antes da entrada para guerra, sendo necessário um aperfeiçoamento nas táticas de combate e equipamentos. Os depoimentos se alinham também quando os Pracinhas mencionam o tempo em que durou este treinamento, citando ser um total de mais ou menos 90 dias na cidade do Rio de Janeiro, além de ficar evidente por meio das falas dos entrevistados a importância da aproximação dos militares americanos com os militares brasileiros neste treinamento.

Vale destacar um fato em comum relatado pelos Pracinhas, nos momentos que antecederam a ida deles para Itália, ambos os entrevistados mencionam que não houve medo em estarem aptos para a viagem e a entrada em combate, alguns até comparações em tom de brincadeiras faziam, ficando claro que eles não tinham a dimensão do perigo a qual seriam submetidas as suas vidas. O Sr. Ary Lopes ele expressa os pensamentos do momento:

[...] parecia para os familiares que nós estávamos acometidos por uma doença de tão tristes que os familiares estavam, mas para nós parecia uma

festa que era tudo uma brincadeira, acha isso talvez por que na época eram todos jovens de vinte poucos anos.

Já nas palavras do S.r João Pereira:

[...]lembro que minha mãe foi até o quartel pedir para que meu comandante não me enviasse a guerra, que após a saída da minha mãe do quartel fui chamado pelo comandante para falar do pedido da mãe, e que recusei a ficar (sem ir para guerra) e fiquei insistindo que seria voluntário para ir à guerra, sabia que estava indo para a guerra e que poderia morrer, mas que nunca recuaria um milímetro da ideia de não ir lutar.

No depoimento do Pracinha Sr. Aduilio Gomes De Oliveira, nos traz o seu testemunho em relação ao medo que alguns sentiam antes do deslocamento para Itália, segundo suas palavras:

[...] houve poucos desertores por que ficamos com medo, mas que isso nunca passou pela minha cabeça, mas que entreguei nas mãos de Deus, que o que tivesse que ser, ia ser.

Analisando estas informações podemos concluir que, a falta do sentimento de medo que o Pracinha se refere, pode estar relacionado ao fato, de que quase todos eram muito jovens, com idades entre 18 e 23 anos. De certo modo, imaturos em relação ao evento Guerra. Estes fatores, aliados ao sentimento de Patriotismo, contribuíram para o resultado de ignorar o medo da morte. Enquanto historiador, chegar a esta conclusão é um tanto simplista, talvez o olhar de um especialista/analista em psiques, poderia dar um maior refino a este achado (não medo).

5.3. Os pracinhas no front

Neste capítulo abordaremos as vivências dos Febianos durante o período em que estiveram em solo Italiano. Serão abordados assuntos que marcaram a participação da FEB durante a Segunda Guerra Mundial e que também impactaram seus integrantes.

Após os preparativos no Brasil, a FEB é enviada para a Itália, passaram torno de 15 dias de viagem atravessando o Oceano Atlântico, onde a segurança da FEB era feita por uma Esquadra da Marinha de Guerra Brasileira. Chegando na Itália, mais precisamente no Porto de Nápoles, foram novamente embarcados em barcas e deslocados para várias cidades Italianas, segundo os entrevistados, antes da chegada na Europa, a maioria dos Febianos não tinham ideia do que estava

ocorrendo, e que ao avistarem os primeiros sinais da guerra no Porto, onde navios estavam afundados, a realidade em fim, se fez presente.

Sobre a chegada na Itália o nosso entrevistado Sr. João Pereira da Silva também colabora com seu relato dizendo que:

[...] chegamos lá estava tudo arrasado no porto e nas cidades, era guerra né, era uma tristeza, por onde a guerra passou os italianos perderam quase tudo e foi tudo dividido, nosso contingente foi todo dividido, com os americanos e os países aliados.

No seu depoimento, Sr. Taltibio de Mello Custódio, lembra como foi a chegada na Itália:

[...] chegamos em Nápoles e no porto haviam muitos destroços de navios que tinham sido atacados durante a guerra, era carcaça de navio para todo lado.

Após o desembarque, os Pracinhas foram divididos e enviados a lugares diferentes na Itália, suas missões variavam de acordo com suas funções, nem todos entraram em combate, assim como os combates não aconteciam todos os dias. Eram missões de guarda, policiamento, patrulhas, por vezes combates, e um pouco de lazer, era o cotidiano dos Febianos no Front.

O Sr. João Pereira da Silva, no diz que o cotidiano se dava da seguinte maneira:

[...] não era combate todo dia, tinha uns dias de trégua, patrulhas, eu tirava serviço. Lembro que com os italianos tínhamos uma relação muito boa né, sempre tivemos uma amizade medonha, por que livramos a Itália do Hitler, éramos muito acreditados lá, tínhamos uma boa relação com eles, tínhamos até um dia de trégua, saíamos juntos com os americanos para patrulhas no jipe nosso convívio com as outras tropas aliadas era tranquilo e respeitoso, quando não estávamos em combate nós tínhamos uma rotina de serviço militar, nós acordávamos de manhã fazíamos a higiene e dali já dividiam a turma para as missões, por exemplo, hoje tu vai patrulhar, hoje tu vai tirar guarda, eu estava sempre na linha de frente, quando eu tirava guarda cuidava dos alemães prisioneiros, fiz muita escolta de prisioneiros alemães, lembro que os prisioneiros alemães eram muito quietos e lembro que quase não conversavam com a gente, estavam sempre de cabeça baixa quietos, e que a gente procurava nunca judiar com os caras por que eles já tinham se entregado né, lembro do nosso relacionamento com os Italianos que era muito bom, alguns saiam para tomar umas nos bares com eles, mas eu era mais quieto ficava mais na área militar, sempre fui um cara mais quieto quase não saía. Enquanto tu estavas lá, as vezes éramos convidados para confraternizar na casa dos italianos.

Fazendo um comparativo com o depoimento anterior temos o relato do Sr. Taltibio de Mello Custódio:

[...] Lá na Itália, os combates não aconteciam todos os dias, a maior parte do tempo ficávamos em patrulha, nosso relacionamento com o pessoal da Itália era bom e com as tropas aliadas também.

Destacamos a fala do Sr. Francisco Pértile mencionando sobre os momentos em que não estavam em combate:

[...] ficamos na neve cerca de 4 meses, mas sempre fazendo patrulhas, que até então não tinham feito nenhum ataque, somente patrulhas para tentar descobrir onde estava o inimigo.

Estes depoimentos contradizem um pouco, a ideia que grande parte das pessoas tem, de que em uma guerra os combates acontecem com muita frequência, observamos através das falas dos depoentes que isso não condiz com a realidade. Finalizamos esta análise com as palavras do Sr. Ary Lopes, o qual relata que:

[...] Durante o inverno, as missões eram quase somente de observação, que devido ao forte inverno e as fortificações alemãs os combates quase não aconteciam.

Durante o período de permanência no front, que oficialmente foi do dia 14 de Julho de 1944 à 02 de Maio de 1945, a Força Expedicionária Brasileira participou de inúmeros combates com alguns reveses e vitórias importantes, sendo as mais conhecidas, *Montese e Monte Castelo*. É possível obtermos acesso às particularidades destas batalhas, através dos depoimentos de Pracinhas que estiveram no local e combateram o inimigo, vencendo o medo as dificuldades, perdas de amigos e enfrentando a morte. Sendo assim, para que possamos entender o cenário de Guerra pelo qual estes combatentes vivenciaram, temos o depoimento do S.r. João Pereira da Silva, o qual relata:

[...] Participei da tomada de Montese, foi uma batalha difícil, perdemos muitos dos nossos lá, lembro que o dia que nós vencemos a batalha de Montese, era um dia com muita cerração na parte do dia, por volta das 10 horas da manhã, eu estava no segundo grupo de ataque, eu feri muita gente, se matei alguém, não sei, mas estávamos em guerra. São 74 anos né, mas a gente não esquece, nós chegamos em Montese, fizemos trincheiras e tocas para nos guarnecer, cavamos aqui, cavamos ali, - tínhamos que nos proteger né- eles atiravam lá de cima, mas nós não nos assustamos né, nós sabíamos que tínhamos que fazer, que tanto podíamos estar vivos como podíamos morrer, que até hoje o pessoal fala que foi um milagre nós termos vencido eles lá né, eles estavam muito bem armados, lá em cima. Perdi amigos nessa batalha. Dentre os combates o que mais me marcou foi o de Montese nesse morreu mais pessoal nosso, foi o mais sangrento, durante os combates do jeito que tava dormia, quando eu estava em combate em Monte Castelo fomos divididos em 5 partes para atacar lá em cima, que a maior parte do pessoal não subiram, que no terceiro grupo de ataque os alemães já se arriaram”.

Sr. Ary Lopes recorda destes combates onde menciona que:

[...] Particpei de Monte Castelo, Belvedere, Montese, lembro que o terreno onde aconteceu o combate de Monte Castelo era muito acidentado, com uma vegetação que atrapalhava muito, que ambos os montes Castelo e Montese eram importantes estrategicamente e deviam ser tomados pela sua localização geográfica, lembro que em Montese, os Alemães estavam muito bem estabelecidos por estarem na pico do morro, com muitas armas de grosso calibre e nós brasileiros estávamos embaixo, no morro e eram alvos fáceis, que se os alemães quisessem nos atingiam até com pedras, foram batalhas difíceis perdemos gente lá.

Também para enriquecer esta pesquisa e corroborar com a análise dos fatos temos ainda o depoimento do Sr. Francisco Pértile, relata que:

[...] Monte Castelo ninguém tirava os alemães de lá, em uma patrulha em direção aos alemães em Monte Castelo, um dos integrantes da patrulha foi baleado e morreu, lembro que no segundo ataque começou a cair a neve, para mim o combate mais difícil foi o segundo ataque a Monte Castelo, lembro que no primeiro ataque não chegamos nem perto por causa do intenso bombardeio, no segundo ataque perdi um companheiro, ele era de Carazinho/RS, já era o segundo companheiro que eu perdia no ataque, que depois disso, tinha que criar muita coragem para continuar, a gente fazia de tudo para não morrer, mas muitos que ficavam perdidos durante o combate nem sabiam o que estavam fazendo de tanta bala que passava por cima da gente.

Como mencionado anteriormente, a FEB participou de vários combates. Para rememorar estas participações, nosso trabalho traz as falas do Sr. 1º Tenente Paulino, combatente da FEB:

[...] Nosso batismo de fogo do 6º RI, Regimento de Infantaria na Itália foi no dia 16/09/1944, em Bastione, para atacar os alemães. Este foi o batismo de fogo da FEB, conquistamos Massarosa, e depois Camaiore, para essas missões tem que ter preparo e que sem luta não se conquista a vitória, lembro que houve muito derramamento de sangue, depois houve uma pausa para o estudo para a tomada de Monte Castelo, foi a mais perigosa no dia 21/02/1945, sob o comando do Coronel Caiado de Castro, e neste dia houve um grande derramamento de sangue também e que para mim foi o maior derramamento de sangue da FEB, mas sei que em Montese, pela história foi o maior e mais difícil onde mais pracinhas morreram.

É importante mencionar as dificuldades que os integrantes passaram enquanto estiveram em solo Italiano, onde o frio foi um companheiro implacável, sabe-se que, mesmo recebendo equipamentos e fardamentos das nações aliadas acostumadas ao frio extremo, os Pracinhas ainda assim passaram trabalho, por vezes utilizavam-se artimanhas para driblar o frio. Na entrevista do Sr. João Pereira da Silva, suas lembranças nos evidenciam o seguinte:

[...] As nossas dificuldades em solo Italiano eram devido ao frio muito forte e seco, um frio diferente do nosso que é úmido, lá nós usávamos palha de milho dentro dos coturnos para não congelar os dedos o coturno era até o Joelho e atolava na lama misturada com a neve.

Mais uma vez as fontes dialogam entre si, deixando evidente que um dos problemas enfrentados pelos Pracinhas foi o frio, as palavras do 1º Tenente Paulino, demonstra esse desafio:

[...] Lembro do frio que era muito intenso, e que para aquecer os pés tínhamos que por jornal e palha nos coturnos, lembro que a temperatura chegava a 20 graus negativos nos primeiros dias de combate, depois a temperatura subiu para 18 até o fim da guerra.

Estes depoimentos vão ao encontro com a fala do Sr. João Pereira da Silva, ficando evidente que além dos combates contra os alemães, o frio era um inimigo constante a ser combatido.

Por fim, é possível perceber o tempo que a FEB permaneceu no Front, foi marcado por momentos de muita angústia, medo, sofrimento e realizações. Observamos que os Pracinhas, mesmo não estando habituados ao frio Europeu, juntamente com as mortes de conhecidos e amigos em combate, não foi motivo para influenciar negativamente para que os Pracinhas lograssem êxito em seus feitos. A FEB, contrariando as mais diversas opiniões com relação a sua participação na Segunda Guerra Mundial, saiu reconhecida perante as tropas aliadas, escrevendo seu nome em um dos maiores eventos bélico da história da humanidade. E no Brasil? Tiveram o mesmo reconhecimento? No capítulo a seguir veremos como foi à volta dos Pracinhas, após o fim da Segunda Guerra Mundial.

5.4. A volta ao Brasil

A guerra acabou para a FEB em 08 de maio de 1945, depois de vários combates, reveses iniciais, vitórias, baixas no total de 454, sustos, medos, dificuldades e reconhecimento, é hora de voltar, foram um total de sete viagens da Itália ao Brasil, no qual o primeiro grupo a retornar foi o 6º RI (Regimento de Infantaria), também foram os primeiros a estarem em solo Italiano. Posteriormente, o restante do contingente começara a travessia de volta.

Neste período, o presidente Getúlio Vargas ainda governava o Brasil através de um regime ditatorial, denominado Estado Novo. Cabe destacar que para o governo, ter um contingente formado nos preceitos de liberdade e democracia era uma ameaça ao governo, através da portaria governamental 8.250 de 1945 a FEB é dissolvida ainda em solo Italiano, por intermédio do Estado Maior da FEB no Interior

– EMFEB|INTERIOR, sob o comando do General Anor Teixeira dos Santos. “Esta portaria descrevia os procedimentos a serem tomados com os combates que estavam retornando, tais como recepção, licenciamento dos “Febianos”, destino do material bélico, concessões de honrarias e medalhas, organização de festividades para acolher os agora combatentes e etc.” (FERRAZ, 2002 p. 115-117).

[...] todo militar que for evacuado da Força Expedicionária Brasileira, será recebido pelo Estado Maior da FEB, no interior e encaminhado ao primeiro destino... declaram que os uniformes usados pelos praças do Exército na Itália, deverão ser restituídos urgentemente...só retornaram ao teatro de operações os que forem solicitados pelo Comandante do DIE, ou receberem ordem especial do Ministro de Guerra.....Os oficiais da reserva e os praças, ambos aptos serão licenciados desde que não tenham sua permanência asseguradas por lei (Portaria 8.250. BRASIL. Ministério de Guerra).

E as promessas? Segundo Ferraz, com o passar do tempo todos os sacrifícios e dificuldades enfrentados pelos homens da FEB, caíram no esquecimento da população e do próprio governo (FERRAZ, 2003). Este fato vai de encontro com as narrativas dos entrevistados a seguir. É sabido que durante o recrutamento, o governo brasileiro havia feito inúmeras promessas para o contingente que se formaria e combateria na Itália, tais como, a possibilidade de seguirem carreira nas forças armadas, para aqueles que eram egressos da vida civil, promoções e continuidade das carreiras para aqueles que estavam em serviço obrigatório, empregos em multinacionais e empresas públicas para aqueles que não desejavam permanecer nas fileiras militares.

Com a dissolução da FEB, poucos foram os que permaneceram nas Forças Armadas, o restante foi jogado a própria sorte. Através dos depoimentos a seguir tomaremos conhecimento de como foi este retorno e como foi o reconhecimento destes combatentes pelo governo brasileiro e pela população em geral.

O entrevistado Sr. João Pereira da Silva e dos demais Pracinhas que deram seus depoimentos em vídeos documentários na web, destaca-se que para a análise será utilizado o documentário chamado “*Navalha: um batalhão brasileiro na Linha Gótica*” produzido pelo *History Channel*.

Neste documentário os depoimentos dos Pracinhas Ivan Esteves, Raul Kodama, Luiz Paulino Bonfim, Natalino Candido da Silva, narram os vários episódios que passaram com o não cumprimento do prometido pelo governo, as palavras do Pracinha Sr. Ivan Esteves Alves, elucidam a situação:

[...] esse pessoal que foi licenciado, teve muita gente que passou miséria, mas passou mesmo, não conseguiram emprego o governo abandonou.

O relato do S.r Raul Kodama, que foi ferido em um bombardeiro e precisou de tratamento especial no Brasil, como fica evidente nas suas palavras:

[...] Na minha vida hoje eu sou o que sou, é por que eu paguei meu tratamento com meu dinheiro por que o Exército não me deu condições, não me deu nada.

Corroborando neste documentário o depoimento do Sr. Natalino Candido da Silva, que com muita tristeza relata estes momentos que passaram após o retorno ao Brasil:

[...] Nós fomos desprezados por todo mundo, pelos próprios brasileiros pelo próprio Exército que também nos expulsou, chegávamos no quartel para perguntar qualquer coisa éramos escorraçados de lá como um cão, não tínhamos direito a perguntar nada.

Os depoimentos do documentário mencionado em tela visam demonstrar como foi o pós-guerra destes combatentes jogados a própria sorte. Para corroborar com uma análise mais completa, serão adicionadas aos depoimentos, as memórias do nosso entrevistado e outros depoimentos de “Febianos” disponíveis em vídeos documentários na web.

Sobre as promessas e amparo do governo brasileiro, destacamos as palavras do Sr. João Pereira da Silva:

[...] O retorno não foi como devia ser, no Rio de Janeiro a recepção foi muito boa, mas o governo não deu aquele respaldo que devia ter dado né? Inclusive no salário, tanto que o salário na Alemanha para os que combateram na guerra é o mais alto e mais de três vezes o que a gente ganha, quase todos os países que participaram têm salários mais altos que nós né, tudo que foi prometido quando saímos daqui para a guerra não foi cumprido. Quando viemos da guerra foi um salve-se quem puder, eu ainda fiquei mais um tempo no Exército, depois eu sai, e virei empresário no ramo de materiais de construção, mas o pessoal chegou aqui iludido, eu pedi para ficar no Exército e fiquei, o pessoal que a família não tinha dinheiro e não ficou no Exército passou muito trabalho. Apesar de uma boa recepção do povo o governo não deu a atenção que tinha que dar, não cumpriu com o que prometeu, a vida foi difícil para muitos, principalmente para os que tiveram que sair, como eu disse fui um privilegiado que consegui ficar um tempo antes de dar baixa, mas os outros que tiveram que sair passaram muito trabalho, eu acho que de uns poucos anos para cá ficaram melhores valorizados, mas de uns poucos anos para cá, sobre o salário melhorou de uns tempos para cá, agora está um pouco melhor dá pra viver melhor.

Podemos verificar que este foi um problema enfrentado por uma grande maioria de “Febianos” após o retorno ao Brasil, nas narrativas dos Pracinhas que foram entrevistados no documentário do *History Channel* disponível no Youtube com o título “*Navalha: um batalhão brasileiro na Linha Gótica*”, vai ao encontro com as

falas anteriores, tanto do nosso entrevistado como dos demais depoimentos colhidos nos documentários disponíveis na web, que contribuíram para a construção deste trabalho. Neles os combatentes relatam que no início a receptividade do povo brasileiro foi muito boa, mas que rapidamente caíram no esquecimento.

Os depoentes relatam as inúmeras promessas que foram feitas para quando voltassem da guerra, na qual poderiam incorporar definitivamente nas forças armadas, no entanto, a realidade do retorno foi totalmente diferente das palavras proferidas pelo governo antes do embarque. Os Pracinhas enfrentaram vários problemas financeiros e de saúde, sendo que a grande maioria foi jogada a própria sorte, sem amparo praticamente nenhum das autoridades governamentais brasileiras. Além disso, nem mesmo as forças armadas foram solidárias àqueles bravos combatentes que com suas vidas defenderam não só a Pátria, mas a humanidade da tirania do nazifascista.

É importante relatar este acontecimento, para que partes dos brasileiros que desconhecem estes fatos históricos saibam de forma verossímil como os combatentes da FEB foram recebidos na volta da Itália para o Brasil. Estes voltaram da Itália sem amparo financeiro algum e com grandes problemas de saúde como transtornos mentais pós-guerra, resultado do tempo vivido durante Front.

Analisando os relatos é possível compreender toda a trajetória dos combatentes, momentos difíceis enfrentados pelos Pracinhas, todo o percurso que trilharam desde as suas convocações e todo o processo de preparo e treinamento pelos quais passaram, pois é sabido que, com a formação e equipamento militar que eles tinham anteriormente, certamente não teriam êxito em combate. O período em que estiveram no Front, bem como as dificuldades que os acompanharam durante este tempo, além do retorno ao Brasil, foi marcado por um não reconhecimento governamental e por vezes, da própria população, deixando-os muitas vezes no esquecimento e jogados a própria sorte. Todos estes recortes nos fazem (re)pensar em termos de releitura sobre a Segunda Guerra Mundial, de que ela foi muito além de agressões bélicas entre nações, ela marcou vidas e que mesmo após o seu término estas vidas continuaram, muitas delas traumatizadas.

6. O significado da guerra

O termo “guerra”, tem significado no dicionário como “Um conflito armado entre grupos ou estados que envolve mortes e destruição, luta, conflito entre estados ou no interior de um estado que se caracteriza por coação política, econômica, psicológica ou militar, conjunto de operações militares entre nações ou grupos, campanha”.

Alguns autores apresentam conceitos para a guerra, Alberico Gentili (2005, p. 61) conceituou-a como: “Guerra é a justa contenda de armas públicas”. Hugo Grotius (2004, p. 92) considera que “a guerra é o estado de indivíduos, considerados como tais, que resolvem suas controvérsias pela força”. Accioly (2002, p. 471) defende que a guerra pode ser definida como “a luta durante certo lapso de tempo entre forças armadas de dois ou mais Estados, sob a direção dos respectivos governos”.

Para os Pracinhas que integraram a FEB o significado do que é guerra difere dos autores acima. Para Sr. João Pereira da Silva, e os depoimentos de Pracinhas constantes nos documentários disponíveis na Web, a guerra significa, além de uma luta armada contra a tirania de Hitler, patriotismo e a honra de lutar na defesa da Pátria, também significava uma oportunidade financeira e de reconhecimento por seus feitos de guerra, isto fica evidente quando analisamos os depoimentos de todos os entrevistados. Destaca-se, por exemplo, a fala dos Sr. João Pereira da Silva:

[...] Eu já estava no exército, mas mesmo assim fui voluntário, minha mãe pediu para o meu comandante não me mandar, mas mesmo assim eu insisti para ir, por que eu queria ajudar, a coisa estava feia lá, nós fomos atacados também, mexeram com a gente, tínhamos que ir lutar pelo Brasil, e eu faria tudo de novo sem pensar, eu iria para lutar lá de novo.

Nesta mesma linha de Patriotismo e Honra, as falas do Sr. Ary Lopes, dialogam com o relato anterior, segundo ele:

[...]Avalio que minha participação foi patriota, e participei com orgulho, e que cumpri com meu dever, e isto é um alívio para a minha consciência, fiquei satisfeito de ter participado e que faria tudo de novo.

O S.r 1º Tenente Paulino, concorda com os demais:

[...] Não me arrependo de nada, e que se eu pudesse voltaria a ser voluntario de novo, para poder servir a pátria. Que se tivesse outra guerra iria novamente.

Por fim, entende-se que o significado de guerra para alguns autores e o conceito de guerra conforme o dicionário difere do significado de quem efetivamente participou deste evento, para alguns a guerra significava uma futura estabilidade financeira, que veio anos mais tarde, para outros a guerra significou Honra e amor à Pátria, mas para todos a guerra significou uma ajuda humanitária, uma luta pela democracia, um combate a tirania mesmo com o risco da própria vida.

Considerações Finais

Convocação às pressas, treinamento. O Brasil declara guerra aos países do eixo e, a partir deste momento, uma corrida contra o tempo começaria. Um contingente precisaria ser formado, treinado e preparado, para um dos momentos mais difíceis que enfrentaria as forças armadas brasileiras. O governo utilizou-se de mecanismos como: convocação e voluntariado, para assim tentar reunir um contingente de mais de 100.000 homens. No entanto, fracassou, pois, os números que estão registrados na historiografia, revelam que 25.500 homens e mulheres foram mandados para Itália. Neste período, ainda segundo a historiografia, os militares brasileiros estavam com equipamentos sucateados, além de pouco contingente e com um treinamento de guerra ultrapassado. Mas, somente com a entrada do Brasil na guerra, estes problemas ficaram evidentes. Integra este trabalho, os depoimentos de combatentes que vivenciaram estes dilemas, e que com suas falas, contribuíram para construção desta pesquisa, nos permitiram compreender o quão difícil é para um país, subdesenvolvido, entrar em uma guerra contra grandes potências mundiais. Para a participação da FEB na Itália, um grande esforço de guerra teria que ser feito e, assim aconteceu, foi com a ajuda dos países aliados, principalmente dos Estados Unidos, que foi possível o aperfeiçoamento e treinamento destes combatentes brasileiros. Foi de suma importância também, a cedência de equipamentos modernos para o bom desempenho de suas funções.

Após todos os tramites no Brasil, a FEB enfim é enviada para combater a Alemanha nazista na Itália, contrariando as mais diversas previsões sobre a sua participação na Segunda Guerra Mundial, pois uns diziam que seria mais fácil uma cobra fumar do que o Brasil entrar em combates. No entanto, o resultado foi que, a cobra fumou (houve a participação do Brasil nos combates). Com o fim do conflito, as Forças Armadas Brasileiras saíram fortalecidas e com o reconhecimento devido diante das grandes potências mundiais. Essa conquista veio através das inúmeras campanhas militares vitoriosas pelas quais a FEB protagonizou, sendo as mais conhecidas e mais difíceis, o Combate de “Montese” e o de “Monte Castelo”, estes lugares, segundo contam as fontes do presente trabalho, foram conquistados a duras penas, bem como suor, sangue e vidas de brasileiros.

O retorno da FEB é marcado por episódios tristes para a história do Brasil e da história militar brasileira, pois a grande maioria do contingente, que com o risco

de suas vidas, lutaram para livrar a Europa da tirania Hitlerista, foi “literalmente” abandonada a própria sorte. (Com exceção de apenas alguns militares que permaneceram nas forças armadas, sob promessas que não foram cumpridas pelo governo brasileiro). Foram anos de miséria, situações difíceis enfrentadas e até suicídios cometidos pelos Pracinhas. Ao contrário dos combatentes dos demais países participantes, o Brasil não reconheceu seus heróis, como deveria, somente anos depois, ao contrário do que pensa a grande maioria da população. Estes homens só vieram a ter um reconhecimento à altura dos seus feitos, décadas depois, segundo os relatos obtidos para a elaboração desta pesquisa.

Com este trabalho, esperamos ter contribuído com os fatos relevantes para a historiografia brasileira, na qual, tanto as entrevistas da nossa principal fonte histórica, como os relatos contidos nos depoimentos disponíveis em vídeos documentários na web, todos puderam ser um rico cabedal de informações, contendo revelações pouco ditas e estudada nos meios acadêmicos e na sociedade em geral. Ainda assim, cabe salientar, que uma filtragem criteriosa foi feita nas falas dos depoentes, cruzando com informações válidas, para que pudesse estar neste trabalho e trazer veracidade a ele. As “histórias contraditórias” que fossem surgindo eram verificadas por nós, enquanto agentes historiadores, analisando com sensibilidade e interpretando as narrativas para então poder utilizá-las como fonte ou não, seguindo este pensamento, utilizamos as palavras de Le Goff:

Memória coletiva é o processo social de reconstrução do passado vivido e experimentado por um determinado grupo, comunidade ou sociedade. Este passado vivido é distinto da história, a qual se refere mais a fatos e eventos registrados, como dados e feitos, independentemente destes terem sido sentidos e experimentados por alguém (Le Goff 2003, p.95).

Além disso, é preciso que consideremos que se passaram mais de 74 anos desde que os Pracinhas retornaram da Itália, somado a suas idades elevadas, é natural que seus testemunhos por vezes estejam desorganizados e muitas vezes carregados de novos entendimentos e opiniões que se formaram durante a suas vidas pós-guerra. “As histórias de vida e os relatos pessoais dependem do tempo, pelo simples fato de sofrerem acréscimos e subtrações em cada dia da vida do narrador” (PORTELLI, 1991, p. 298).

Segundo Jacques Le Goff (2003, p.471) “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”. Neste sentido, nosso trabalho procurou externar a vida de combatentes da FEB, durante o tempo que estiveram no Front Italiano, registrando e utilizando suas memórias como fonte principal. Assim, a história poderá ser revisitada por gerações futuras que possam ter o conhecimento do que foram estes anos, de Segunda Guerra na nossa história contemporânea.

Esperamos ter alcançado os objetivos pelos quais este trabalho foi desenvolvido, e que tenhamos conseguido contribuir de alguma forma para a elucidação de fatos importantes da nossa história, além de demonstrar a guerra, através de depoimentos e memórias de quem realmente esteve envolvido e ofereceu seu “sacrifício” para que este conflito tivesse um fim.

É fundamental mencionar que este trabalho possibilitou-me repensar o conhecimento histórico que tive ao longo da minha vida sobre a Segunda Guerra Mundial, ler textos, livros e assistir documentários sobre este evento mundial com certeza trouxe-me aprendizado, mas ouvir a história de quem realmente esteve em combate é algo diferenciado, sendo uma extraordinária experiência estar frente a frente com o passado.

Por fim, deixamos aqui uma reflexão para os tempos atuais. As grandes potências mundiais estão com a tecnologia militar bem mais avançada que a brasileira, é de conhecimento histórico, que a vontade dos comandantes das forças aliadas era de dar continuidade na ocupação da FEB na Itália, e que por motivos políticos, ela foi dissolvida ainda em território Europeu. Acreditamos, que se FEB tivesse se mantido, haveriam ocorrido trocas de informações sobre as tecnologias que as grandes potências detinham naquela época, e com esse pensamento, provocamos a reflexão dos leitores: Será que nos dias atuais seríamos tão atrasados militarmente, em comparação a estas potências?

Entrevistas Orais

Entrevista realizada a João Pereira da Silva, por Fabio Leonardo Martins Duarte, em 10/06/2018, na cidade de Pelotas, na residência deste.

Entrevista realizada a João Pereira da Silva, por Fabio Leonardo Martins Duarte, em 24/07/2018, na cidade de Pelotas, na residência deste.

Entrevista realizada à João Pereira da Silva, por Fabio Leonardo Martins Duarte e por Edgar Gandra, em 20/06/2019, na cidade de Pelotas, na residência deste.

Entrevista realizada à João Pereira da Silva, por Fabio Leonardo Martins Duarte, em 20/06/2019, na cidade de Pelotas, na residência deste.

Entrevista realizada à João Pereira da Silva, por Fabio Leonardo Martins Duarte e por Edgar Gandra, em 29/06/2019, na cidade de Pelotas, na residência deste.

Entrevista realizada à João Pereira da Silva, por Fabio Leonardo Martins Duarte e por Edgar Gandra, em 17/07/2019, na cidade de Pelotas, na residência deste.

Entrevista realizada à João Pereira da Silva, por Fabio Leonardo Martins Duarte e por Edgar Gandra, em 05/08/2019, na cidade de Pelotas, na residência deste.

Depoimentos em vídeos documentários/Youtube

Um Batalhão Brasileiro na Linha Gótica. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=y0cuSEOFP_A. Acessado em 25/08/2019.

Os Pracinhas Sobreviventes 70 Anos Depois. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=g8e-cGkZWnQ&t=1s> Acessado em 27/08/2019.

Pracinha Francisco Pértile narra sua experiência na Segunda Guerra Mundial, 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Qqv78TkvYYs> Acessado em 25/08/2019.

Depoimento de um Ex-Combatente 2018 . Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=intXcetsxlq> . Acessado em 03/09/2019.

Depoimentos de ex-combatentes da segunda guerra mundial - (2010) - Pracinhas – FEB 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uZKmJ1hNr1E> . Acessado em 03/09/2019.

Memorias de um herói da FEB - 2016. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=2JbC7h5vv_Q Acessado em 05/09/2019.

DEPOIMENTOS DE UM EXPEDICIONÁRIO 2016. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZSvImAq2cMc> Acessado em 05/09/2019.

Ex-combatente da FEB, com 95 anos, conta histórias da tropa brasileira na Itália 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1IMpT9gW9sg&t=2s> Acessado em 07/09/2019.

Referências

ACCIOLY, Hildebrando, SILVA, Geraldo Eulálio do Nascimento. **Manual de Direito Internacional Público**. 15 ed. São Paulo: Saraiva, 2002

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BARONE, João. **O Brasil e a sua guerra quase desconhecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BASBAUM, Leôncio. **História sincera da República: de 1930 a 1960**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

BENTO, Cláudio Moreira. **As batalhas dos Guararapes: descrição e análise militar / Cláudio Moreira Bento**. - 2.ed. - Porto Alegre: Gênese, 2004.

BERTONHA, João Fábio. **Fascismo, Nazismo e Integralismo**. São Paulo: Ática, 2005.

BORGES, Vavy Pacheco. **Grandezas e misérias da biografia**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

COMPANHIA. **Melhoramento e Resistência**. Guia de Assinantes Nº 13. Pelotas: Editada por Echenique & Cia., 1947.

CARVALHO, L. P. Macedo. **Força Expedicionária Brasileira: 60 anos**. Verde Oliva, Brasília, ano 22, n.185 p. 16-21, jul/ago/set. 2005.

CARVALHO, José. Murilo. **Forças armadas e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

Coggiola, Osvaldo. **A Segunda Guerra Mundial: Causas, Estrutura, Consequências**. Livraria da Física; Edição: 1ª (2015).

CORSI, Francisco Luiz. **Estado Novo: política externa e projeto nacional**. São Paulo: UNESP, FAPESP, 2000.

COSTA, Octavio. **Cinquenta anos depois da volta**. 3º ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

COTRIM, Gilberto. **História para Ensino Médio: Brasil e Geral**. 1. Ed. São Paulo. Saraiva. 2002.

DANESE, Sérgio. **Diplomacia presidencial: História e crítica**. 2. ed. Brasília: Funag, 2017. 641 p.

DIÁRIO POPULAR, 20.08.1942, p. 2, Pelotas

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo tropical, o partido nazista no Brasil**. São Paulo: FFLCH- Universidade de São Paulo (Tese de doutorado), 2007. (2)

EICKHOFF, Renato. **A Força Expedicionária Brasileira e os seus Veteranos**. 2005. 42 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2005

FERRAZ, F.C.A. **A Guerra que não acabou**: a reintegração social dos veteranos da força expedicionária brasileira. Tese de Doutorado apresentada a Universidade de São Paulo, 2002.

FERRAZ. **A guerra que não acabou**: veteranos da Força Expedicionária Brasileira. 2003. 395 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2003.

FEST, Joachim. Hitler vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

GENTILI, Alberico. **O Direito de Guerra**. Ijuí: Unijuí, 2005

GROTIUS, Hugo. **O Direito da Guerra e da Paz**. Ijuí: Unijuí, 2004

HAAG, Carlos. **Em busca da “guerra boa” dos pracinhas**. Pesquisa FAPESP, ago. 2013. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2013/08/13/em-busca-da-guerra-boa-dos-pracinha-s/>> Acesso em: 19 setembro. 2019

HOMERO, ADLER. **Soldados na paz e na guerra**. Revista Nossa História, n. 38, 2006.

IGLESÍAS, Esther. **Reflexões sobre o que fazer da história oral no mundo rural**. DADOS - Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Vol. 27, n. 1. 1984.

Le Goff, Jacques, 1924 **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 419

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. p. 471

LINS, M de L. F. **A Força Expedicionária Brasileira**: uma tentativa de interpretação. São Paulo, 1972. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de São Paulo, 1972.

MEIH, José Carlos Sebe Bom. y / **Revista de História** 155 (2º - 2006), 191-203. 192.p

NASS, Sirlei de Fátima. **Legião Paranaense do Expedicionário**: indagações sobre a reintegração social dos febianos paranaenses (1943-1951). Dissertação – UFPR, 2005.

MOURA, Gerson. **Neutralidade dependente**: o caso do Brasil, 1939-1942. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p.177-189, 1993.

MOURA, Gerson. **Relações Exteriores do Brasil 1939-1950**: Mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Brasília: Funag, 2012. 277 p.

ORIEUX, Jean. **A Arte do biógrafo**. DUBY, Georges; ARIES, Philippe; LADURIE, Emmanuel, LE GOFF, Jacques. História e Nova História. 3.ed. Trad: Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Teorema.

PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val diChiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luta e senso comum. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PORTELLI, Alessandro. O momento da minha vida: funções do tempo na História Oral. In: FENELON, Déa Ribeiro 173L 173L. (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2000, p. 296-313.

REES, Laurence. O carisma de Adolf Hitler: o homem que conduziu milhões ao abismo. Tradução de Alice Kelsck. – Rio de Janeiro: LeYa, 2013.

SANTOS, Luciana Ibarra dos. **Há algo de novo no front**: A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Dissertação de Mestrado.2006. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/48136284.pdf>. Acessado em 25/07/2018.

SOARES, Izaac Erder Silva. **Um narrador de si e da guerra [manuscrito]**: testemunhos de um praça da força expedicionária brasileira / Izaac Erder Silva Soares. - 2014. 227f. Fotografias. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História

Schwartz, Elisa. **O Vandalismo em Pelotas durante a Segunda Guerra Mundial (agosto de 1942)**.1994. 2 f. Trabalho monográfico apresentado ao Curso de História da Universidade Federal de Pelotas.

TAYLOR, A. J. P. **A Segunda Guerra Mundial**: Como as guerras começam. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA, 1988. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acessado em 28/07/2019 Acessado em 20/07/2019